



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE

NAILTON NASCIMENTO DA SILVA

A GLOBALIZAÇÃO E O MEIO AMBIENTE: uma análise da relação entre
sociedade moderna e natureza

Ananindeua – PA

2022

NAILTON NASCIMENTO DA SILVA

A GLOBALIZAÇÃO E O MEIO AMBIENTE: uma análise da relação entre
sociedade moderna e natureza

Artigo científico apresentado a Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, como requisito para a obtenção de Especialização em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Dulcideia da
Conceição Palheta.

ANANINDEUA - PA

2022

RESUMO

O presente artigo visa discutir a questão da globalização, que é um tema atual, e suas implicações para a relação dinâmica entre a sociedade moderna e a natureza, caracterizada pelo movimento predatório. Devido a grandes desastres, tenho sérias preocupações com organismos ambientais já existentes e aqueles que podem surgir em um futuro próximo, seguindo um ritmo acelerado e não sustentável em que uma pessoa busca os recursos necessários para a sobrevivência e uma produção de mais valor. Portanto, será necessário contextualizar a situação histórica, ou seja, o período de globalização e o Meio Técnico-Científico Informacional, conforme descrito por Santos (2000) e outros autores, demonstrando a conexão entre desenvolvimento tecnológico e degradação ambiental no mundo moderno. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, bem como também a documental acerca da temática, o levantamento bibliográfico considerou como fonte artigos científicos, publicações de notícias e boletins em sites oficiais de organizações governamentais e da sociedade civil. Como resultado, a busca por uma diversidade social genuína que permita que as pessoas se misturem respeitosamente e ainda tenha uma população pacificamente aglomerada sem violência. Os conflitos, juntamente com os benefícios das técnicas, estavam ao alcance de todos; assim, o espaço humano nunca foi tão crucial para o curso da história.

Palavras-chave: globalização; impacto; meio ambiente.

1 INTRODUÇÃO

Com base numa vasta literatura, espera-se transmitir através deste trabalho uma reflexão sobre a globalização tal como existe atualmente e as suas dinâmicas subjacentes. Buscando a compreensão da dinâmica socioambiental no espaço geopolítico atual. Ao longo da história humana, como ser social, o homem busca na natureza suas necessidades de sobrevivência. Porque a sociedade está sempre em processo de mudança de hábitos em diferentes pontos históricos, ela estará sempre construindo o espaço e sendo construída por ele, numa relação nem sempre harmoniosa, principalmente em tempos em que o consumo é rei e muitas necessidades são inventadas por poderosos grupos.

Por se tratar de um tema tão amplo e com tantas discussões sobre diversos aspectos, este trabalho não pretende deixar o assunto de lado. Em vez disso, procurou-se estimular o pensamento crítico da sociedade e a capacidade de compreender uma realidade particular que

muitas vezes é ocultada quando vista em sua forma física.

Será discutido o tema da globalização por ser crucial para explicações posteriores sobre a crescente degradação ambiental, fenômeno que preocupa muito as autoridades internacionais comprometidas com o bem-estar da humanidade. Também serão discutidas as principais questões ambientais globais e seus efeitos negativos na sociedade, bem como a possibilidade de outra globalização devido ao aumento da conscientização.

O objetivo do presente trabalho é abordar a questão em consonância com o significado da consciência social de todo conhecimento, independentemente de sua fonte, sem a qual o conhecimento perderia seu valor. A esta luz, buscou-se explorar o tema proposto. Trazer benefícios para a sociedade é uma existência essencial.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Capitalismo e Meio ambiente: Abordagem histórica

Uma perspectiva histórica sobre as formações sociais e sistemas econômicos que existiram no passado até a era globalizada que será o foco da análise do presente trabalho será tomada para compreender o momento histórico em que vivemos atualmente.

Segundo os historiadores, o comunismo primitivo foi a primeira organização social registrada na história. Os homens se reuniam em pequenos grupos e compartilhavam entre si as frutas e os animais disponíveis. Mais tarde, aprenderam a fazer ferramentas com pedras e descobriram que, ao bater uma pedra na outra, saíam laços que poderiam ser usados como objetos para cortar coisas (AQUINO, 2005).

O período Paleolítico, também conhecido como Era da Escada de Seixos, começa há cerca de 2,7 milhões de anos e dura até 1.000 a.C. Após a descoberta do nevoeiro, que usava ramos e folhas como materiais primários de construção, o homem sentiu-se mais seguro porque conseguia separar os animais ferozes e aquecer-se nos dias frios. A revolução neolítica ocorre entre aproximadamente 4.000 e 1.000 a.C., quando o homem aprende a cultivar e deixa de depender da coleta para se sustentar. Essa fixação abre as portas para o desenvolvimento de estruturas sociais e políticas cada vez maiores e mais complexas ao longo das margens dos grandes rios (CAVALCANTE, 2009).

Sem poder fornecer datas exatas, estima-se que o bronze tenha sido usado pela primeira vez por volta de 4.000 a.C., chegando à Europa e ao Oriente Médio cerca de 2.000 anos depois. No final desse período, começou o uso de metais para fazer armas e outros objetos úteis.

De acordo com essa história da existência humana, gostaria de mencionar o "Modo de Produção Asiático", que era um sistema econômico em que os meios de produção, a terra, pertenciam ao Estado e eram administrados e controlados por ele. Excedente permite o uso da terra em troca de contribuições (trabalho ou produtos); essa relação de produção é baseada em serviços de co-cobrança (GUERRA, 2007)

Surgem os Métodos de Produção Escravista, onde o principal fator econômico não era a negritude, mas sim a aquisição de escravos em decorrência de conflitos e guerras, assim como o Método de Produção Feudal, que era majoritariamente agrícola com a terra servindo como principal fonte de riqueza. Era um sistema de agricultura comunal que não buscava atualizar suas práticas, pois toda inovação dependia da aprovação da comunidade local, o que inevitavelmente levava ao estabelecimento de um padrão técnico específico (AQUINO, 2005).

A produção econômica concentrava-se em feudos rurais ou senhorias que pertenciam a senhores feudais ou clérigos. Nele, a produção era voltada para a sobrevivência e buscava a autossuficiência do grupo; como resultado, surgiram outras atividades além da agricultura, como a criação, a indústria de casos, o comércio local e o comércio, bem como a unidade territorial e político-jurídica da sociedade feudal. As concessões de terras aos agricultores incluíam obrigações de prestação de serviços e presentes ao senhor como parte da produção (GUERRA, 2007).

A partir do Século XI, a Europa entrou num período de estabilidade que conduziu a um relançamento da atividade econômica em resultado da expansão das áreas produtivas. A aplicação de novas técnicas de produção transformou a vida econômica europeia, permitindo que o continente produzisse mais com menos mão de obra, ao mesmo tempo em que reduzia a taxa de mortalidade. A atividade comercial foi inicialmente conduzida dentro de feudos.

Mas, pouco a pouco, o fluxo de riquezas aumentou, sendo necessária a devolução da moeda para facilitar o comércio. Com tudo isso, conseguiram acumular riquezas, alterando completamente a noção de riqueza que existia anteriormente. Com isso, durante os séculos X, XI e XII, apesar do feudalismo continuar sendo o sistema dominante, já se viam sinais de uma nova ordem (AQUINO, 2005).

Como resultado de desenvolvimentos históricos como a monetarização da economia, o desenvolvimento do comércio e, mais recentemente, a Revolução Industrial, o sistema capitalista surgiu como a forma de apropriação mais valiosa, com o proletariado como proprietário dos meios de produção. e os trabalhadores que vendem sua mão de obra, como foi o caso no final do século XIX e início do século XX. e se solidifica como o sistema

dominante em oposição ao socialismo, que era um grande rival (SANTOS, 1997)

2.2 A questão ambiental e a globalização

Globalização é um tema muito recorrente que vem surgido em muitos debates, sem contar que é bastante amplo, principalmente dentro da realidade em que vivemos e dos países que estão em pleno desenvolvimento, que é o caso do Brasil. Desta forma, deve ser tratada a partir de um eixo que segue a exposição no sentido de colocar em proximidade com o que se passa no país neste momento. Temas atuais como globalização e meio ambiente, que vêm sobrecarregados de presságios, têm o seu lado positivo que é colocar áreas científicas diferentes em uma mesma mesa, pondo-lhes a responsabilidade de compreender juntas o que está havendo em nosso mundo atualmente (SILVA, 2002).

A abertura das fronteiras ao comércio, os fluxos do capital econômico, o crescente uso das tecnologias, como também as mudanças climáticas e as transformações no meio ambiente, o aumento da migração das populações em busca de melhores condições de vida e trabalho, os desastres naturais, entre outras (...) apesar da globalização atingir, de forma direta ou não, qualquer espaço ou pessoa do planeta, não significa que as suas reações e consequências alcancem todos em igualdade de maneira que tenham a mesma reprodução em todas as regiões (FORTES E RIBEIRO, 2014).

Inumeros problemas de saúde atualmente apresentam articulação com a globalização. Em seu sentido mais amplo, a globalização afeta de forma clara, positiva e negativa a saúde e os sistemas de saúde, em todos os níveis - local regional e global (PEREIRA, 2009).

Compreender qual o conceito de saúde apenas como ausência de doenças é ignorar de fato suas dimensões éticas, sociais e culturais. A negacionabilidade destes fatores primordiais, principalmente no que fere a relação saúde e meio ambiente, impede, em casos não raros, que determinados conflitos que emergem desta relação sejam plenamente compreendidos e que projetos viáveis e eficazes de mediação sejam formuladas (PEREIRA, 2009, p. 194).

2.3 Os impactos da globalização no meio ambiente

Transformando as rendas menores de um país considerado Terceiro Mundo para calcular as taxas desconto de custos dos recursos ambientais no futuro, poderá de alguma forma resultar na ideia de que é de fato racional transferir indústrias que geram poluição e lixo para esses países de rendas mais baixas. Pode ser possível concluir que a rendas per capita

menores são um indicador de ‘subpoluição’ para os países. Assim sendo, é possível que os ‘países subpoluídos’ aceitem a poluição dessas empresas em troca de uma compensação monetária... Na medida em que a indenização por desastres ambientais depende dos níveis de renda, os riscos são ‘mais baratos’ em termos monetários e ‘menos perigosos’ em países pobres que em países ricos.

Esse procedimento tem inúmeras implicações óbvias sobre os direitos humanos em relação ao meio ambiente. A sociedade não é vista como seres iguais uns aos outros no mundo. O provimento de direitos humanos da sociedade depende do seu ‘valor’, no qual, se calcula segundo o nível de renda per capita. Assim, o subdesenvolvimento econômico carrega, como subproduto, a consequência de que um povo que vive nessas condições tem menos direito de usar o meio ambiente global do que os povos dos países ricos. O universo ambiental ou a capacidade de se renovar do nosso planeta Terra são distribuídos entre homens e mulheres de uma forma não justa. A ‘bagagem ecológica’ dos povos considerados economicamente com maior poder aquisitivo é maior do que a dos povos com poderes econômicos mais baixos (ALTVATER, 1999).

Essas indagações relacionadas aos direitos da humanidade, a democracia e o meio ambiente só poderão ser resolvidas de acordo com a intervenção de instâncias de responsabilidade e de regulação global. Em oposição à desregulamentação promovida pela globalização “de cima para baixo”, o autor entende que devem ser intensificadas as experiências de cooperação internacional, já desenvolvidas por organizações intergovernamentais, ONGs transnacionais, redes de associações, que deram uma nova significação à noção de comunidade global (GÓMES, 2000).

Somente uma política de mundialização ‘por baixo’ - orientada por um novo internacionalismo de solidariedade e de cidadania ampliada, para além das fronteiras nacionais - pode aglutinar forças e pressionar governos na luta pela realização dos conteúdos normativos já consagrados e pelas reformas ou pela implantação de instituições indispensáveis de governança regional e global, no sentido de um relacionamento mais democrático e responsável entre os estados e de maior integração dos cidadãos individuais e de associações cívicas.

Essa falta de superfície, no entanto, vem escoltada de inúmeras redes de comunicação, que no entanto, não são apenas relacionadas à natureza virtual como se vê na Internet; as deliberações democráticas apontam novos lugares, que levam em conta as consequências de novos limites dos novos espaços funcionais. Em todo momento, há grupos lutando e criando alternativas em prol a destruição do ‘seu’ meio ambiente, com muita

frequência e de forma muito ágil. Com a supremacia completa do capital nas sociedades modernas e a correspondente devastação ambiental, o protesto vocalmente limitado, temporário e singular se expandiu, tornando-se uma característica onipresente e permanente das sociedades modernas. Os antigos grupos de interesse locais e temporários, vinculados a uma única questão, transformam-se em movimentos sociais permanentes e, então, também em partidos, de um lado, e organizações não-governamentais (ONGs), de outro. Elas representam certos interesses sociais, especialmente o de conservação da natureza, de forma muito mais direta e flexível que os partidos. Tornam-se agentes importantes de política ambiental.

2.4 Crescimento econômico, desenvolvimento e natureza

As noções pioneiras referentes ao conceito de desenvolvimento sustentável foram anteriormente e se nota que há uma grande preocupação, ao uso desse conceito em relação ao desenvolvimento ambiental, seja atualmente ou no futuro. Existe, também uma relação determinada entre a preocupação com o meio ambiente de forma saudável e a manutenção de índices econômicos e sociais que sejam interessantes para ambos. Mas, surge o primeiro questionamento que se pretende detalhar: como se encadeiam, na concepção ambiental, as dimensões econômicas e sociais do desenvolvimento?

O primeiro questionamento que se precisa fazer é: Mas, afinal o que é o desenvolvimento, em que está relacionado? Esse questionamento, está muito presente no país desde os anos de 1970 e 1980 em debates sobre o subdesenvolvimento brasileiro conduzido por economistas e cientistas políticos da CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e Caribe), porém se interessa de fato, distinguir a ideia de desenvolvimento a ideia de crescimento voltado à economia. A percepção de crescimento econômico está relacionada ao tamanho da economia e o aumento dos investimentos voltados ao comércio exterior, riqueza acumulada e pode ser interpretada através de dados como o Produto Interno Bruto (PIB) per capita ou o volume total de exportações de cada país. Porém, não significa que países apresentem índices de crescimento econômico satisfatório, e que a sociedade terá elevação em seu padrão de vida e melhora da qualidade de vida.

O período do Milagre Econômico no Brasil, na época da ditadura militar, foi um grande exemplo, pois, os índices positivos que surgiram em relação ao crescimento da economia não foram acompanhados pela ascensão da boa qualidade de vida e da oferta inesperada de serviços públicos de qualidade. Já em relação a concepção de desenvolvimento é bem diferente. Desenvolvimento significa que o crescimento econômico garante melhoria

nas condições de vida da população e acesso a maior quantidade e qualidade de serviços públicos a sociedade. Observa-se, a junção entre as dimensões econômicas e sociais.

Mas, se acredita que essa conexão entre o econômico e o social não se relaciona de forma automática e, desta forma, necessita ser problematizada para que se possa compreender a sua verdadeira dimensão. Uma contribuição relevante no Brasil a respeito desse debate é a do economista e cientista político Celso Furtado, entre várias publicações, nesta ele esclarece de forma concisa a questão do desenvolvimento congruente a dimensão apenas econômica dizendo

[...] o conceito de desenvolvimento econômico é um simples mito. Com esse conceito, tem sido possível deslocar as atenções do ofício básico de identificação das principais necessidades fundamentais da sociedade e das grandes possibilidades que cabem ao homem o avanço e o desenvolvimento da ciência, para concentrá-lo em objetivos reais e abstratos, como são os investimentos, as exportações e o crescimento (FURTADO, 1974: 43).

Desta forma, se verifica no contexto apresentado por Furtado, o grande crescimento econômico circunscrito não garante o desenvolvimento, não faz sentido tratar de desenvolvimento econômico. Outra contribuição importante é a de Vecchiatti (2004: 90) que relata

“uma das conclusões óbvias e coerentes que pode ser extraída desse cenário de contrastes é que o crescimento econômico, por si só, não traz o desenvolvimento. Na prática, a equação que relaciona crescimento e desenvolvimento, ainda não está com suas variáveis equilibradas; ela ainda desafia os economistas questionando se o desenvolvimento socialmente íntegro e ambientalmente sustentável estaria na contramão do crescimento econômico” (VECCHIATTI, 2004, p.90),

Além das diferenças entre o crescimento econômico e o desenvolvimento, ainda antes de se aprofundar no estudo totalmente direcionado a uma problemática ambiental, se precisa falar sobre as desigualdades do desenvolvimento. Pelo simples fato de usar a expressão desenvolvimento mundial, ou expressões semelhantes, que obscurece o caráter essencialmente excludente, centralizador e desigual do capitalismo. O diagnóstico de qualquer indicador mundial de desenvolvimento retrata essa situação que dispara entre as regiões e países do mundo.

Não é necessária uma investigação profundada para se dar conta do real paradoxo ao qual se dá início ao século XXI: de um lado o grande crescimento econômico e as transformações voltadas para a área de tecnologia, sem prévias, por outro lado, a complicada condição social, de um grande número de pessoas além de problemas de ordens ambientais graves. Não obstante, se dissipou por todo planeta a imagem de um modelo de vida ocidental de alto consumo, conforto material e permanente entretenimento (OLIVEIRA, 2010:4).

Na perspectiva de avançar na perplexidade da articulação entre o desenvolvimento e a sustentabilidade, diversos autores que atuam com a questão ambiental, tem se destacado, os

sociólogos Eduardo Viola e H. Leis (1995) e Antonio Carlos Diegues (2003), propõem a utilização do conceito de sociedades sustentáveis, no lugar do desenvolvimento sustentável. Pois, além da grande dificuldade conceitual e empírica de articulação entre o contexto econômico e ambiental, todos os autores compreendem, como justificativa para essa abordagem, a aproximação entre política neoliberal e a mercantilização das questões ambientais nos dias atuais. De acordo com Diegues (2003:4), centraliza tais atitudes de críticas aos conceitos de desenvolvimento sustentável como se apresentam hoje elaborados pelos documentos oficiais, citados no Relatório Brundtland.

3 METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica acerca da temática, o levantamento bibliográfico considerou como fonte artigos científicos, publicações de notícias e boletins em sites oficiais de organizações governamentais e da sociedade civil, onde foram coletados apenas artigos referentes ao tema sobre Globalização e Meio Ambiente. Assim sendo, serão excluídos das análises quaisquer artigos que contenham dados duvidos e que não correspondem com o tema à ser desenvolvido. A busca foi realizada nas seguintes plataformas e portais: Consultas a livros, periódicos e artigos científicos, teses de doutorado e dissertações de mestrado disponíveis no acervo das bibliotecas da Universidade Federal do Pará (UFPA), da Universidade Estadual do Pará (UEPA), Google, Google Acadêmico e Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

A Revisão Bibliográfica Integrativa que inclui principalmente a análise de estudos já existentes à cerca de uma temática que possibilita a utilização de diversos tipos de estudos, tais como, quantitativos e qualitativos, experimentais e não experimentais, e o mais importante, sem deixar de lado o rigor metodológico da Revisão Sistemática. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010)

4 RESULTADOS

De acordo com Santos (2000), no presente, estamos cientes do massacre da globalização que discutiremos mais adiante, bem como o neoliberalismo, que é uma escola de pensamento que defende a liberdade de mercado sem intervenção do governo, privatização e redução da governo ao papel de zelador que emite leis que raramente são seguidas pela sociedade. Isso faz com que o estado deixe de ser a fonte da produção que se concentra nas

mãos de um pequeno número de pessoas enquanto um grande número é "coisificado".

Devido à necessidade de espoliação e produção de mais valor para manter tal sistema, que aumenta a riqueza de um pequeno grupo ao mesmo tempo que exclui a grande maioria da população mundial como se vê hoje através das estatísticas, foi necessário o desenvolvimento e manutenção desse novo sistema, ainda mais perverso e exclusivo, para que o fosso entre ricos e pobres cresça ainda mais.

O processo de globalização se intensificou nas últimas décadas, impulsionado pelos avanços tecnológicos que surgiram e avançaram rapidamente diante de nossos olhos. Esses avanços tornaram necessário que tudo se atualizasse com apenas uma rápida olhada. Outro fator determinante é a velocidade com que as informações estão sendo transmitidas por meio de técnicas nesse campo, atingindo milhões de pessoas instantaneamente, principalmente pela internet, TV, rádio, sistemas de satélite ou outros sistemas que cobrem o mundo inteiro.

Outra característica distintiva da globalização é a globalização da economia, que será discutida com mais detalhes nos parágrafos seguintes. Esse processo também é caracterizado por mudanças nas relações interpessoais, pois tem um impacto significativo na cultura das pessoas, nas crenças religiosas e em diversas outras esferas da vida, como será visto mais adiante. Segundo Milton Santos:

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: O Estado das técnicas e o Estado das Políticas. (SANTOS, 2000, p.23).

O componente ideológico dos discursos atuais é nos fazer acreditar em uma globalização fantástica que só beneficia a vida humana. Eles nos fazem acreditar que todos estão no centro do uso da tecnologia e da informação, fazendo com que nos sintamos reis e rainhas da tecnologia e da informação. Isso porque a maioria da população tem dificuldade em romper com essa interpretação e vivenciar a realidade. Essa máquina é a mídia de massa, algo com poder de despertar que gera ideias de acordo com as demandas dos grupos predominantes.

É sobre essa base, por meio da mídia capitalista massiva sob o controle de grandes grupos hegemônicos, que se estimula o consumo, levando à produção industrial massiva, à busca de matérias-primas na natureza, bem como à poluição massiva do ar, da água e da terra, que está aumentando os problemas de saúde pública.

Segundo Santos (2000), apenas cerca de um quarto da população mundial se beneficia da globalização, deixando os outros dois quartos para trás. Como podemos ver, nem

todos têm acesso à tecnologia, nem todos são ricos o suficiente para viajar pelo mundo e conhecer outros continentes, e nem todos usufruem dos benefícios de todos os costumes originados na capital do mundo.

O governo é incapaz de lidar com preocupações financeiras ou promover o crescimento de grandes grupos hegemônicos internacionais. Em vez disso, investe na área e cria incentivos para facilitar a instalação de grandes empresas. Essa ação é direcionada a um seleto grupo de empresas que são as detidas do maior capital do mundo e que estão destruindo constantemente a qualidade de vida sem levar em conta os potenciais danos de longo prazo.

A base do processo de desenvolvimento e do diálogo entre o homem e a natureza é transformação das sociedades humanas. O espaço geográfico é um dos fatores. Fundamentos da chamada "segunda natureza" - aquela que o homem criou – consequência da prática social sobre os elementos fundamentais que compõem a "natureza primordial:

A história do homem sobre a Terra é a história de uma rotura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar domina-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução. O homem se torna fator geológico, geomorfológico, climático e a grande mudança vem do fato de que os cataclismos naturais são um incidente, um momento, enquanto hoje, a ação antrópica tem efeitos continuados e cumulativos, graças ao modelo da vida adotado pela humanidade (SANTOS, 1997, p.17)

A evolução descrita até aqui culminou na fase atual, em que não se ouve mais falar diariamente sobre a preservação da natureza. Em vez disso, os especialistas estão agora muito preocupados com questões decorrentes das mudanças climáticas antropogênicas, incluindo aquecimento global, questões relacionadas à destruição do ozônio e esgotamento de recursos, seca e desmatamento em nossa região amazônica, entre outras coisas.

Por causa disso, a natureza existia antes da história sem humanos. Apesar das distorções que o uso humano do mundo causou, continue dizendo isso, sozinho. Mas houve uma mudança significativa recentemente. Em benefício das corporações, nações e classes hegemônicas, a história agora uniu a natureza, que por tantos séculos esteve socialmente fragmentada. Mas a natureza não é mais sua amiga, e o homem não é mais seu companheiro (SANTOS, 1997, p. 19).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realidade, a globalização perversa poderia tornar-se outra globalização, como ressalta Santos (2000) em seu livro de mesmo nome, em que a mistura de pessoas, raças, culturas e gostos era incentivada em todos os continentes, com informações sendo acessível a todos e favorecendo o crescimento pessoal em todas as esferas da vida, sempre em harmonia e consideração pelos outros.

Como resultado, a busca por uma diversidade social genuína que permita que as pessoas se misturem respeitosamente e ainda tenha uma população pacificamente aglomerada sem violência. Os conflitos, juntamente com os benefícios das técnicas, estavam ao alcance de todos; assim, o espaço humano nunca foi tão crucial para o curso da história. Em vez disso, buscamos um desenvolvimento sustentável onde o meio ambiente possa voltar a ser amigo da humanidade. Uma geografia refundada inspirada nas realidades contemporâneas pode ser uma ferramenta efetiva, teórica e prática para a refundação do planeta se, como diz Sartre, “entender é mudar”, avançar e “ir além de mim mesmo”.

REFERÊNCIAS

- ALTVATER, E. Os desafios da globalização e da crise ecológica para o dis-curso da democracia e dos direitos humanos. *In*: HELLER, A. et. al. (org.) **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI Rio de Janeiro**: Contraponto, 1999, pp. 109-153.
- AQUINO, Denise e Oscar. **História das Sociedades**: cas Comunidades Primitivas às Sociedades Medievais. São Paulo: Editora Ao Livro Técnico, 2005.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.
- CAVALCANTE, Márcio Balbino. **Convite à Geografia**. João Pessoa: Sal da Terra, 2009.
- FORTES, Paulo Antônio de Carvalho; RIBEIRO, Helena. Saúde global em tempos de globalização. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 366- 375, jun. 2014.
- FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo, Paz e Terra, 1974.
- GÓMEZ, J. M. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. *In*: OLIVEIRA, E. C. de. **Crescimento e desenvolvimento econômico**: a sustentabilidade como modelo alternativo. São Paulo: Alternativa, 2020. P. 04-20.
- GUERRA, Antônio José Teixeira. **A Questão ambiental**: diferentes abordagens. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2007.
- OLIVEIRA, E. C. de. **Crescimento e desenvolvimento econômico**: a sustentabilidade como modelo alternativo. São Paulo: Zahar, 2021.

PEREIRA, Rafaela Rodrigues. Território, saúde e ambiente: novas formas de articulação. Geografia: **Revista do programa de Pós-Graduação em Geografia**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 193-206, jun. 2009. Semestral.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**: da crítica da Geografia à uma Geografia crítica . 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec. 1997.

SILVA, R. C. P. Da. 2002. **Meio Ambiente e Globalização**. Disponível em http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/24reginachellypinheiro_meioambienteeglobalizacao.pdf Acesso em: 25 jun. 2022.

VECCHIATTI, Karin. **Três fases rumo ao desenvolvimento sustentável**: do reducionismo à valorização da cultura. 2004. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 2004, p. 90-95.